

OS RECURSOS EDUCACIONAIS ABERTOS E O GÊNERO DISCURSIVO “CARTA” NO SEGUNDO CICLO DE FORMAÇÃO HUMANA

Hiago de Souza Frois¹

¹Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo/ salada801@gmail.com

Resumo: Tratamento do gênero discursivo “carta” e sua retextualização em gêneros discursivos digitais em Língua Portuguesa para o segundo ciclo de formação humana, especificamente, o oitavo ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo. Buscou-se desenvolver o letramento digital, com base no tratamento do gênero discursivo “carta” reentendida em novas ações digitais multimodais e multissemióticas com fulcro à significação do lugar do estudante enquanto leitor, co-autor e usuário virtual, no qual o movimento de produção perpassa um movimento colaborativo e livre, em direção a uma construção coletiva do conhecimento.

Palavras-chave: letramento digital, recursos educacionais abertos, (re)textualização e UEADSL.

1. Introdução

O projeto proposto objetiva o tratamento didático do gênero “carta” e sua retextualização em gêneros digitais, tais como “e-mail”, “tweet” e mensagens de “whastapp”, tendo, como público-alvo, o segundo ciclo de formação humana, especificamente, o oitavo ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo. Tendo-se em vista à localização da instituição escolar pública, em uma zona de risco da prefeitura, melhor dizendo, pertencente à Comunidade São José, na região Noroeste de Belo Horizonte, diversos projetos caminham em direção ao tratamento de questões complexas que permeiam a realidade discente, tais como ações de justiça restaurativa. Nesse sentido, propomos o tratamento da obra cinematográfica “Menina de Ouro” (2005), e o tema “O poder de desafiar o não”, direcionando discussões aproximadas entre a realidade observável na produção e

sua relação significativa com o que é vivenciado diariamente. Como o filme se baseia numa carta escrita para a filha de um dos personagens esféricos da obra, a saber, Frank, propomos diversas atividades processuais em direção à compreensão do objeto cinematográfico, do gênero carta, de seu domínio discursivo e daquilo que se concebe como adaptação e retextualização. Posteriormente, caminhamos em direção a distintos processos que abarcaram a produção de gêneros digitais, já mencionados anteriormente.

Dessa forma, compreendemos que tratar as TICs (tecnologias da informação) como objetos centrais, mais do que ferramentas periféricas, propicia um movimento formativo significativo, no qual o intercâmbio de experiências em plataformas e eventos on-line, como a UEADSL, amplia o entendimento de didatização digital, em direção à introdução à ciência. É relevante frisar que o objetivo desse trabalho não é contrastar a cultura digital com a cultura escrita, mas compreender de que modo as novas tecnologias (re) significaram as práticas que envolvem o tratamento do texto.

A leitura volta-se para o movimento de seleção textual, na qual as disposições espaciais também se dirigem à constituição de uma significação personalizada, perpassada pela hipertextualidade e pelo movimento de abas e do mouse (pad). A escrita, por sua vez, dirige-se, gradualmente, a uma configuração colaborativa- em sites de perguntas e repostas, de pesquisa (como o Wikipédia), mas, mais além, associada ao advento da Web 2.0. A última se tange à uma conduta mais ativa, perpassada pelas redes sociais (“Facebook”, “Twitter”, “Instagram”, “Snapchat”, “Musically”, “Tumblr”, “Pinterest” etc.), nas quais o mecanismo de comentários (re) significa, ainda, a compreensão de leitor, autor e texto. Nesse sentido, emerge-se o movimento de co-autoria, essencial para a produção de materiais de pesquisa, ensino e extensão adaptáveis e condizentes com uma noção local de escola.

O que se pretende, nesse sentido, e, com esse trabalho, é problematizar, nas aulas de língua portuguesa, qual o lugar da tecnologia quanto à (re) significação do ensino-aprendizagem, especificamente, no referido componente curricular, naquilo que envolve o texto multimodal e como adaptá-la enquanto prática pedagógica. Nesse sentido, compreendemos que tratar os recursos educacionais abertos em sala apontam para além da estigmatização da tecnologia como distração ou objeto



proibido em sala, dirigindo-se para o entendimento dos novos recursos digitais como contributivos para as práticas pedagógicas, já que, tendo-se em vista as redes sociais e aplicativos de conversas privadas, pode-se afirmar que o texto – enquanto leitura e escrita ou ambas- acompanha as vivências sociais discentes.

2. Justificativa Teórica

Ferraz (2008) admite que o texto enquanto modo monolítico não compactua com as novas práticas de leitura e escrita, as quais assumem um movimento mais imagético, conveniente à rede virtual. A multimodalidade, dessa forma, como aponta Ribeiro (2016), associa-se às modulações e a seus efeitos diversos. Nesse sentido, para a aplicação e segmentação desse trabalho, contamos com a produção enquanto módulos, proposta por Dolz (2004). Quanto à relevância tecnológica, apoiamo-nos em Santana (2012), quem, tratando de iniciativas como os “softwares livres” e produções em “creative commons”, argumenta que a escola é um mecanismo cultural e multialético, frente à emergência digital, necessitando assimilar e integrar, por conseguinte, os dispositivos digitais em práticas pedagógicas. Nesse sentido, como argumenta Almeida (2013, p. 16), em relação ao uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), é relevante investigar, detalhadamente, potencialidades advindas das inovações tecnológicas no contexto de formação docente: “No Brasil, há poucas pesquisas sobre o uso de TICs na formação de professores e essas pesquisas revelam as dificuldades e as condições nas quais as TICs estão sendo exploradas nas escolas brasileiras.”

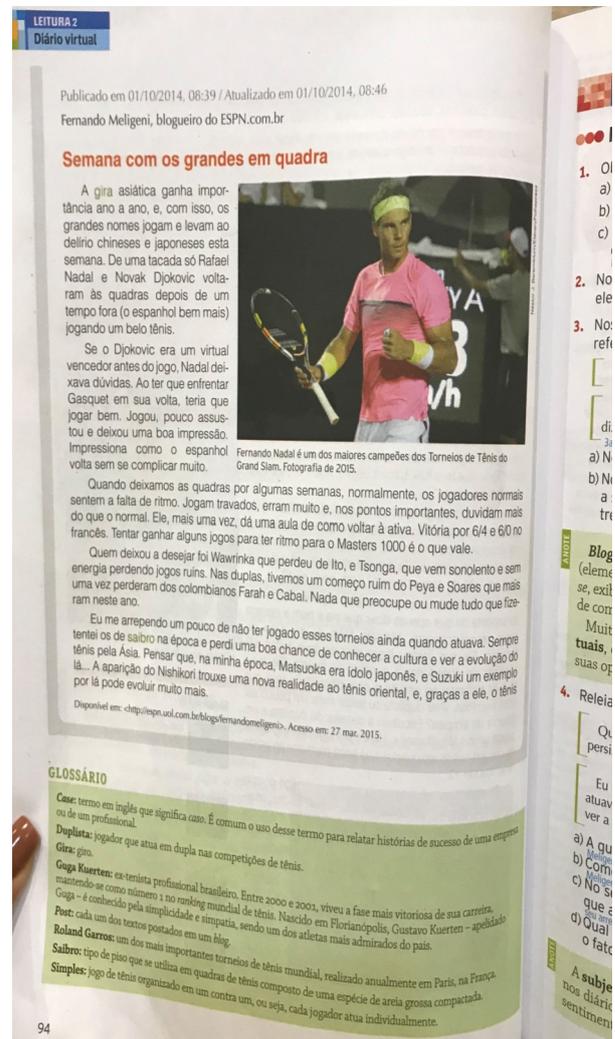
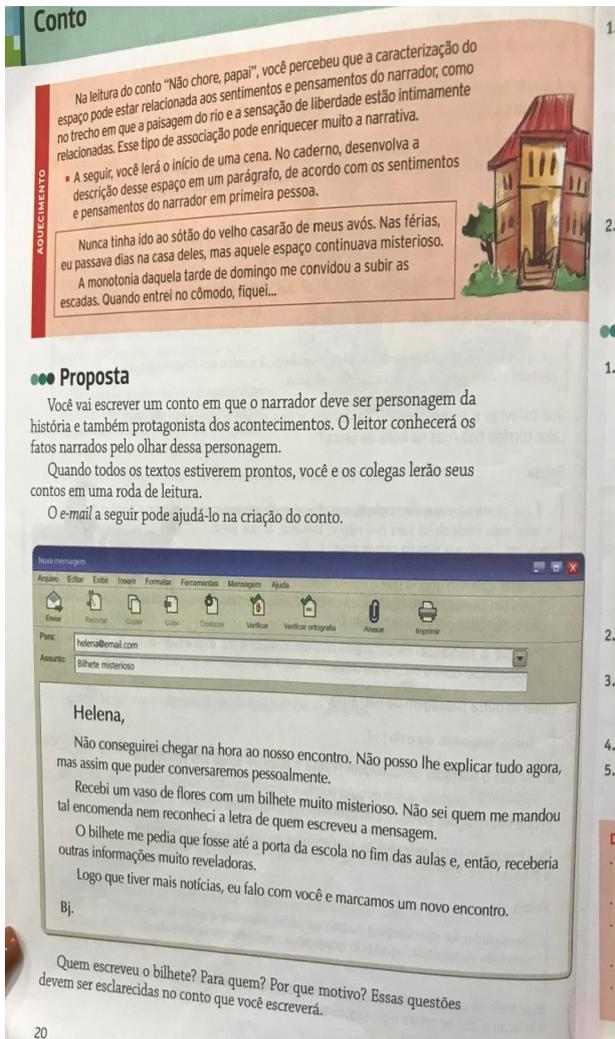
Isto é, a escola não é a única estância educativa, havendo várias comunidades de aprendizagem e compartilhamento de leituras. Segundo Lerner (2002, p.18), o desafio educativo fundamental é “fazer da escola um âmbito onde a leitura e escrita sejam práticas vivas e vitais”, ou seja, um lugar “onde ler e escrever sejam instrumentos poderosos que permitem repensar o mundo e reorganizar o próprio pensamento, onde interpretar e produzir textos sejam direitos” legítimos de exercer e assumir. A interdisciplinaridade é, pois, entendida aqui como “espaço de

diálogo, negociação entre os componentes curriculares visando um objetivo comum” (SANTOMÉ, 1998) e a transversalidade como “uma perspectiva integrada”, que permeia “o desenvolvimento dos conteúdos da base nacional comum e da parte diversificada do currículo” (BRASIL, 1998, p.115). Dessa forma, propor o diálogo entre diversos movimentos de produção colaborativa e didática em um evento on-line e assíncrono caminha frente a congruência entre práticas escolares, melhor dizendo, movimentos praxiológicos (de experiência), e entre práticas investigativas, universitárias: propiciando, finalmente, uma introdução à pesquisa e à ciência enquanto progresso e enquanto prática ética e responsiva.

Dessa forma, buscou-se proporcionar o desenvolvimento de práticas de produção do gênero discursivo “carta” e outros gêneros digitais (e-mail, tweet, whatsapp), no oitavo ano do Ensino Fundamental, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo em direção a um movimento para além da dicotomia “autor” e “leitor” e em direção à concomitância em “co-autores”, na produção de materiais didáticos. Além disso, buscou-se ampliar as atividades de produção de textos como atividade de retextualização, construção e reconstrução de sentido; desenvolver, pelo contato com os textos propostos, uma noção de significatividade em consonância com práticas marginalizadas e reconhecer a tecnologia e demais formas de manifestações digitais abertas como potenciais instrumentos pedagógicos.

3. Plano de Ações

Iniciamos pelo estudo, a partir do livro didático, dos gêneros “carta”, “email” e do suporte “blog virtual”. No entanto, observamos, principalmente, em relação ao segundo, o uso de textos artificiais, com uma estética que não condiz com as atuais plataformas de envio de e-mails. Em relação ao último, notamos, também, que o entendimento do blog não se dirigia aos diários virtuais pessoais, mas como colunas e artigos de opinião dispostos em endereços eletrônicos direcionados às notícias. Dessa forma, não condizia com as práticas vivenciadas pelos alunos. E, por conseguinte, foram necessárias ações complementares, já que o livro em seu formato, fechado, não permitia adaptação.



Páginas do livro correspondentes às atividades de produção escrita (e-mail) e compreensão leitora (blog virtual). Coleção “Para Viver Juntos”. Edição SM, 2015, p. 20 e 94.

As atividades de interpretação foram realizadas, primeiramente, de forma compartilhada a fim de envolvermos os estudantes nas discussões coletivas sobre a apreensão global da obra “Menina de Ouro” (2005), bem como sobre as sensações vivenciadas por cada um em contato com o texto, reforçando sempre o lugar de leitor e produtor, cujo produto resultaria em um “podcast” com construções coletivas de significado. Para Cosson (2014b, p. 94):

O aprofundamento que se busca realizar deve resultar em um saber coletivo que une a turma em um mesmo horizonte de leitura. É esse compartilhamento de



leitura sem a imposição de uma sobre a outra, antes com a certeza de que a diversidade delas é necessária para o crescimento de todos os alunos, que constrói uma comunidade de leitores.

Da mesma forma, refletimos sobre as estratégias e técnicas utilizadas na adaptação e (re)textualização. Discutimos diversas situações vivenciadas pela personagem principal, Maggie e por outros secundários, tais como a marginalidade, a desigualdade de gênero, a meritocracia e o bullying. A primeira ação foi a produção de um “podcast”, evidenciando a falácia da dicotomia entre oralidade e escrita, já que o gênero exige um roteiro escrito, por exemplo. Como consta-se, nos créditos, a sua produção foi subdividida por áreas entre os alunos, a partir de grupos de trabalho que atuaram, por exemplo, na sonoplastia, no roteiro e na produção artística.

Posteriormente às discussões de alguns temas gerais e à sua associação com um outro projeto escolar que visa a mediação de conflitos, a saber, a “Justiça Restaurativa”, procedeu-se com a produção de cartas. Em seu tratamento, o aluno deveria escolher um personagem específico que seria seu destinatário e com o qual se assemelhasse. Após alguns estudos de diferenciação de gêneros, presentes no blog criado para a turma, procedeu-se com o processo de retextualização da carta em gêneros como o “e-mail”, o “tweet” e o “whatsapp”. Finalmente, após esse estudo, relacionou-se o tema com a música “Passarinhos”, do cantor Emicida feat. Wanessa da Mata.

a) Motivação

“O poder de desafiar o não: rodas de escuta”

i) Entrevistas e Círculo de Discussões sobre como superar os problemas que nos marcam. Discussões sobre misoginia, desigualdade de gênero, bullying etc.

ii) “Fala que eu te escuto”

iii) “Horóscopo da Autoajuda”

iv) Produção de um Podcast: “O poder de desafiar o não”

Produção de um Roteiro Escrito e subdivisão em sonoplastia, direção artística, edição etc.

Explicação do gênero e de suas condições de produção.

ESCOLA MUNICIPAL IGNACIO DE ANDRADE MELO

OUTUBRO DE 2019

Credits (alunos da 801):

Roteiro: Camila, Emily, Victoria, Gabriela, Geovana, Geandra.

Direcao Criativa: Maria Clara, Joao Vitor S., Vinicius, Luis, Pedro.

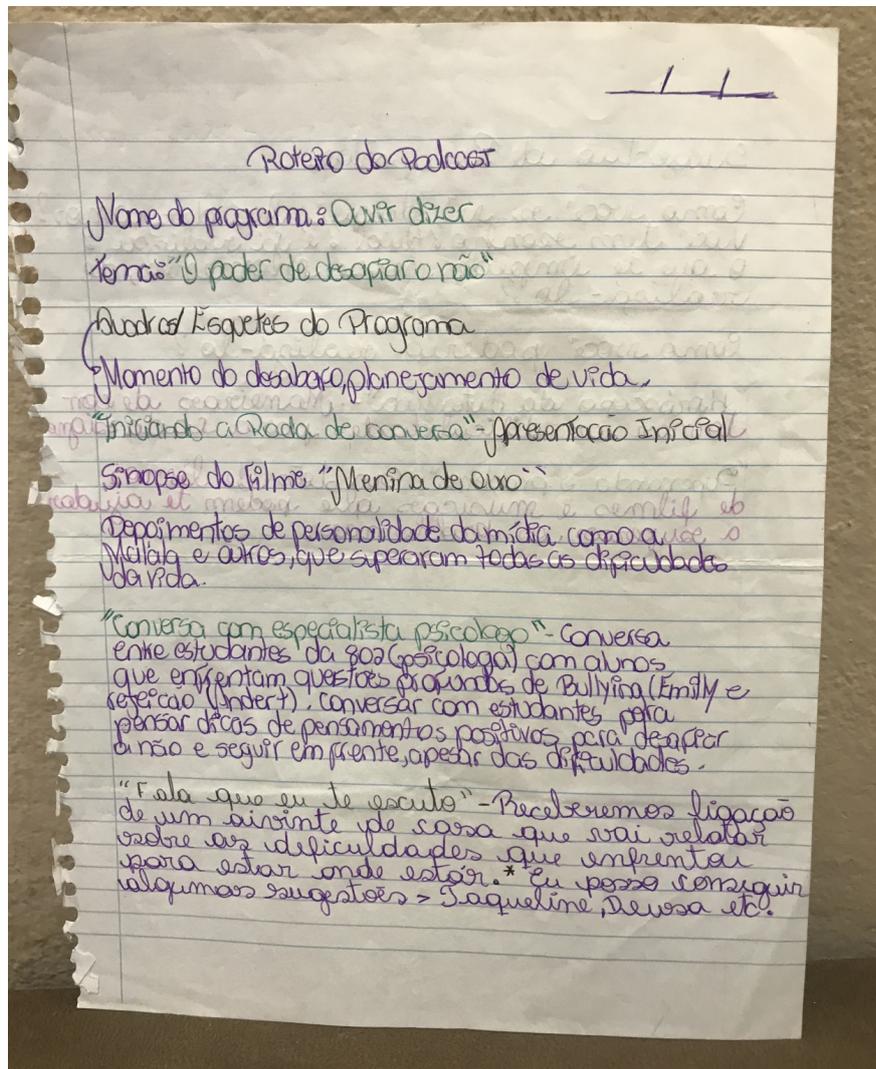
Sonoplastia: Scarlet, Suelen, Joao V. A.

Questionario: Wanderson, Gabriel, Andert, Yago

Entrevistados: Bruna, Marcela, Emily, Gabriela

Apresentadores: Hiago, Laura e Karla

Capa e Créditos do “Podcast” produzido pelos alunos da sala 801, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo. Link do Podcast:

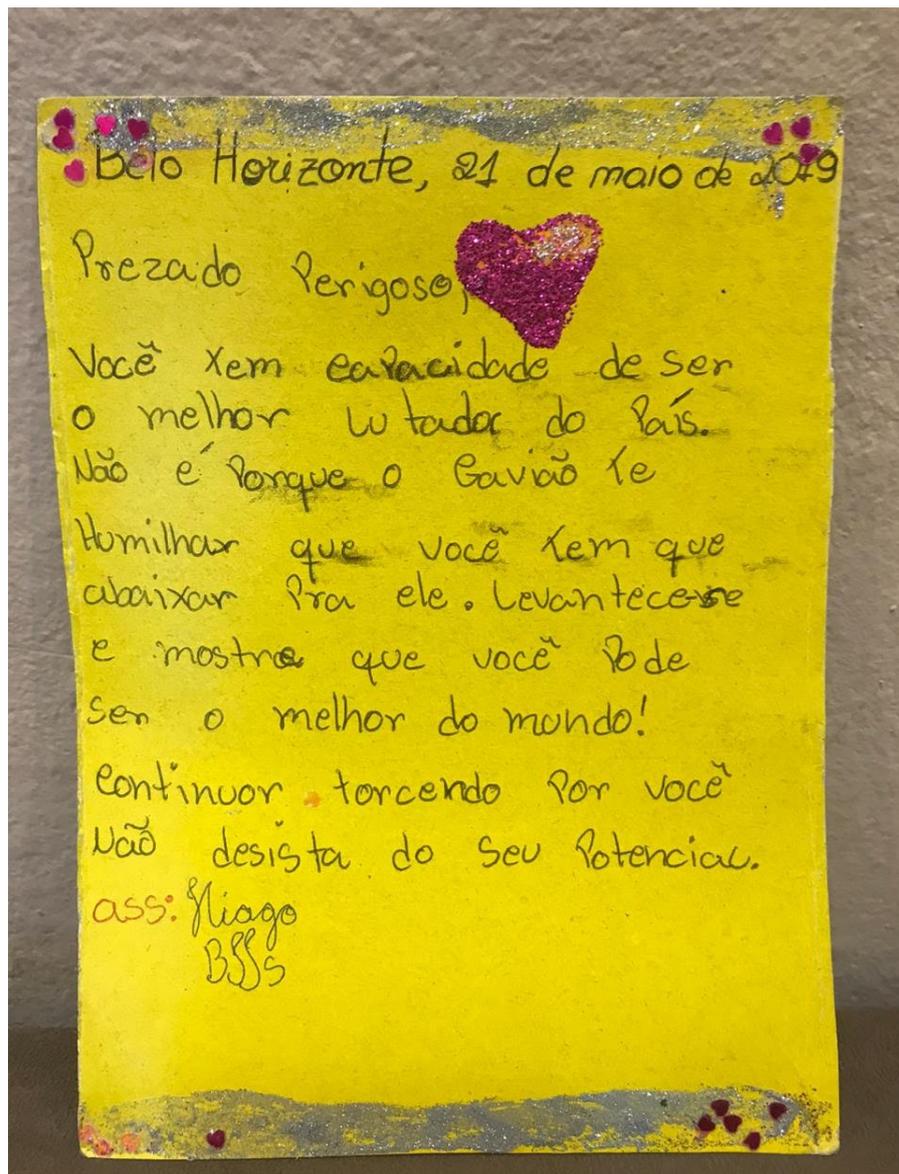


Roteiro do "Podcast" produzido pelos alunos da sala 801, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo.

b) Ações de retextualização

Carta

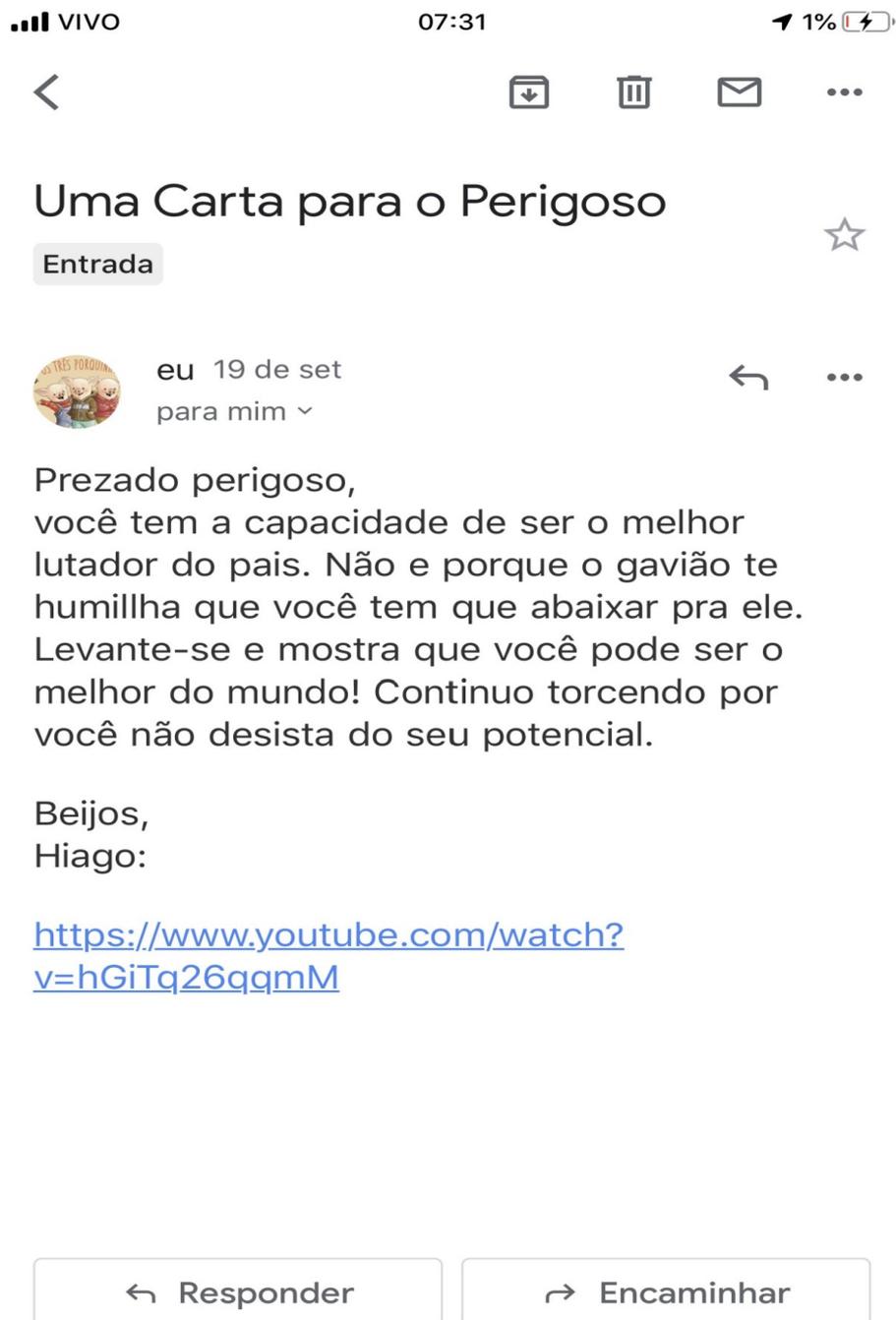
Produção de uma carta destinada a um dos personagens



Carta produzida pelo estudante Hiago, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo.



E-mail



E-mail produzido pelo estudante Hiago, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo.

Tweet

📶 VIVO 📶 13:31 ↗️ 1% 🔋

Cancelar

Tweetar



@Perigosoemiam Oi aprendi várias coisas c vc. Vc tem a capacidade de ser o melhor lutador do mundo n é pq vc é o gavião. Fala coisas d vc e fazem coisas c vc mas vc n pode abaixar p eles levante-se e mostra q vc é o melhor do mundo
[#naodesistadebrilha](#) ❤️❤️❤️❤️



via Tenor

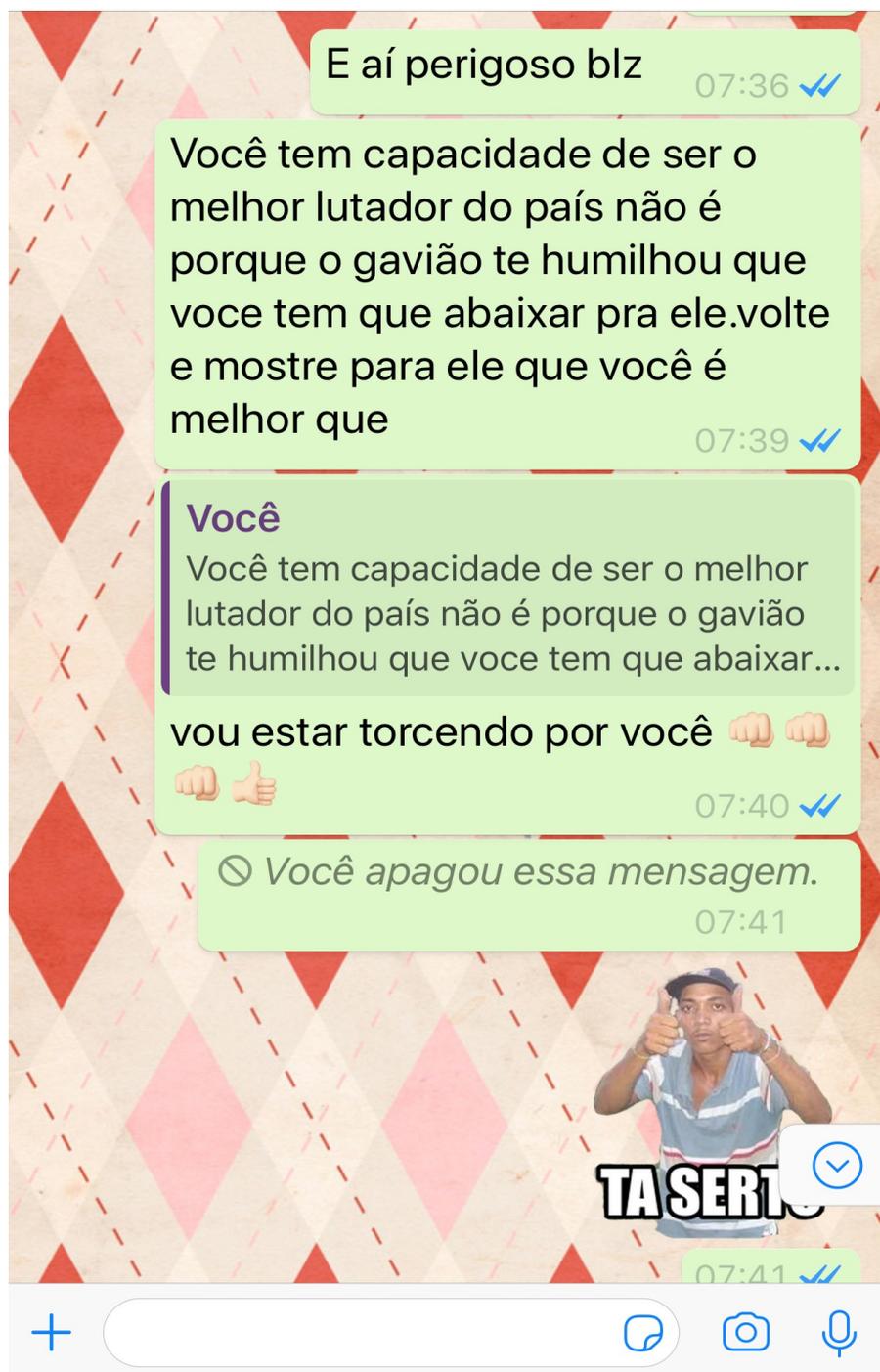
📍 Belo Horizonte, Brasil



19



Conversa de Whatsapp



Conversa de whats app produzida pelo estudante Hiago, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo.

c) O blog Wordpress como portfolio de acompanhamento da aplicação e estudo dos gêneros



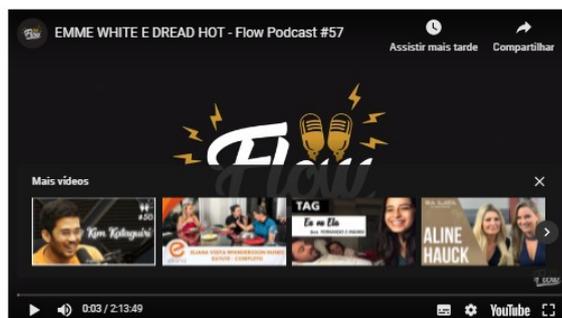
O e-mail

tornandosepesquisadores • 15 de setembro de 2019 • Sem categoria • Editar

- 1- Para você, para que serve um e-mail?
- b) e para que serve uma carta?
- 2- Qual é, segundo sua opinião, as diferenças entre o e-mail e a carta?
- 3- Você já escreveu uma carta? Para quem? E por quê?
- 4- O que deve conter em uma carta?
- 5- Você já escreveu um e-mail? Para quem? E por quê?
- 6- O que deve conter em um e-mail? Pesquise e explique:
- 7- Você tem um endereço de e-mail? Se sim, por quê o criou?



Link do Podcast: <https://www.youtube.com/watch?v=eHkqmxYwwdY>



Resumo do Podcast: fala de notícias sobre o que está acontecendo no dia a dia e colocando ideias para outras pessoas fazerem no seu tempo livre

Resenha do Podcast: Acho muito bom e indico para quem ainda não sabe o que fazer em seus momentos de lazer.

Gênero a qual pertence o podcast: Jornalismo

Blog <<https://tornandosepesquisadores.home.blog>>. Acesso em 08 de nov. de 2019. Criado em agosto de 2019.

d) Narrativa sobre a participação dos alunos no “Podcast”

Hiago

Fazer o Podcast: eu aprendi a ser mais autêntico, me expressar e poder dar minha opinião, eu não sinto vergonha, eu faço mais pra fonte mesmo, eu me mando bem nas câmeras. Trabalhar em equipe é legal, mais todas as pessoas precisam contribuir e o bom é que foi divertido entrevistar outras pessoas, gostei bastante.

Narrativa produzida pelo aluno Hiago, da Escola Municipal Ignácio de Andrade Melo

4. Conclusão

Para a realização desse trabalho, contamos com muitas plataformas digitais e redes, desde o “wordpress”, “whatsapp”, “twitter” e “gmail” até aplicativos e programas de edição de fotos e vídeos, tais como o “inshot”, “audacity”, “splice”, “picsart”, “video vault” e “perfect365”. Além disso, trabalhamos com redes de hospedagem de áudio como o “deezer” e o “spotify” a fim de tratar o gênero “podcast”. Em relação ao tratamento do gênero discursivo, utilizamos o “wordpress” como um diário, um portfolio para acompanhar o andamento da aplicação. Em relação ao tópico temático, introduzimos um diálogo entre o filme “Menina de Ouro” e projetos já tratados na escola, como o “NEPSO” e a “Justiça Restaurativa”, programas que tratam a mediação de conflitos, bullying, misoginia, desigualdade de gênero etc. Considerando o contexto de risco da escola na qual se aplicou o projeto, abordar a significatividade da arte como resistência nos parece fundamental, já que, desse modo, tratamos tanto o conhecimento prévio dos alunos quanto de que forma o que se trata na escola pode relacionar-se à sua realidade.

Observamos que os alunos apresentavam algumas defasagens quanto ao manejo de redes sociais, sendo, para muitos, um primeiro contato dos recursos disponíveis em diferentes plataformas digitais. Desse modo, contamos com um trabalho extensivo de explicação desses recursos e de que modo as novas tecnologias da informação (re) significavam as práticas de escrita. No twitter, por exemplo, discutimos sobre o uso das “hashtags” e de que maneira os “trending topics” contribuíam para o alcance da informação, bem como quais públicos eram mais recorrentes nas redes. O uso de 140 caracteres, bem como ferramentas multimodais (“emojis”, “memes”, “gifs” etc.), no caso do Twitter, foi discutido, assim como de que modo os recursos se alteram e de que maneira as redes que usamos (“g-mail”, “whatsapp”, “facebook” etc.) definem o tipo de modalidade que usamos e como expressamos uma informação, quer dizer, a potencialidade dessa expressão.

A produção do “podcast”, por exemplo, foi um trabalho coletivo de produção artística e de compartilhamento de narrativas e memórias, contando com uma rede de criação e de difusão de experiências, nos quais compartilhamos as vivências,



relacionando-as sempre com os produtos tratados em sala (no caso, o filme). Isso parece dizer que tal objeto artístico diz mais de uma formação humana que sobrepassa a simples fruição estética, incidindo uma palavra interiormente persuasiva sob aquela autoritária. Em nenhum momento, trouxemos uma visão superior sobre o entendimento daquilo que foi tratado, mas buscamos valorizar de que modo os alunos poderiam colaborar. Como os estudantes já vinham de um contexto da rede pública, pertencente à zona Noroeste e à comunidade São José, pareciam carregar uma baixa-estima sobre a produção de conhecimento. Enxergavam-se incapazes e menores, algo já relatado nos vários círculos de conversas anteriores quando se discutia a grande evasão docente e discente desse âmbito. Desse modo, não houve o “errado”, mas sim a valorização de uma (contra) cultura pré-existente e que, ainda que inserida à margem, contribuiu significativamente para os produtos finais. Observou-se, finalmente, o engajamento dos alunos, a sensação de orgulho de sua capacidade, bem como o desenvolvimento concomitante da autonomia e do trabalho em equipe, num sentido de responsabilização individual para a construção de um conjunto, coletivo.

“Passarinhos
soltos a voar dispostos
a achar um ninho
nem que seja no peito um do outro”
Emicida feat. Wanessa da Mata

5. Referências

ALMEIDA, E. G. *Aprendizagem situada e letramentos digitais no estágio supervisionado de espanhol*. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UFMG, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<http://www.poslin.letras.ufmg.br/defesas/1457D.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2018.

BRASIL/MEC. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. *Linguagens, Códigos e suas Tecnologias*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. 2ed. São Paulo, Contexto, 2014.

DOLZ, J; NOVERRAZ, M; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o Oral e a Escrita: Apresentação de um Procedimento. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

FERRAZ. J. A. A multimodalidade e a formação dos sentidos em português como segunda língua. In: *Olhares em Análise de Discurso Crítica*. Vieira: Brasília, 2008

LERNER, Délia. *Ler e Escrever na escola: o real, o possível e o necessário*. Porto Alegre: Artmed. 2002.

MARCHETTI, Greta; STRECKER, Heidi; CLETO, Mirella. *Para Viver Juntos 9 ano: anos finais*. São Paulo: Edições SM, 2015.

RIBEIRO, A. E. *Textos Multimodais: leitura e produção*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SANTANA, B. Materiais didáticos digitais e recursos educacionais abertos. In: SANTANA, B. ROSSINI, C. DE LUCCA PRETTO, N. (Orgs). *Recursos Educacionais Abertos: práticas colaborativas políticas públicas*. -1ª. ed., Imp.- Salvador: Edufba; São Paulo: Casa da Cultura Digital. 2012, p. 121-129.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. *Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1998.